

I

Assalta-me o passado com a nitidez de imagens tão claras e tão reais como se assistisse à reposição de uma mesma cena pela milésima vez. A sala de audiências estava a estostrar de gente e havia mais de meia hora que o juiz, numa voz arrastada e monocórdica, lia os considerandos que haveriam de ditar a sentença. A meu lado, o cónego Luís cochilava e, de quando em quando, arregalava o olho esquerdo a perguntar se ainda demoraria muito. De súbito, um grito desesperado rompe aquele quase silêncio. Era o grito de uma mulher a quem condenavam o pai dos seus filhos:

— Eu ainda conto tudo, eu juro que ainda conto tudo, que o meu homem está inocente!

Instintivamente, Custódio voltou-se para trás e, acto contínuo, mergulhou a cara nas mãos para esconder da mulher alguma lágrima não contida.

— O réu que se comporte com dignidade! — admoestou o juiz. O veredicto estava proferido.

— O meu homem está inoceeente! — grita a pobre mulher, esguedelhando-se com gestos bruscos e desordenados de mãos como gadanhas.

Estarreci. De imediato, várias mulheres, na imediação, muito aflitas, acercaram-se dela com o propósito de a acalmar.

— Por favor, conduzam essa mulher ao exterior — ordenou o juiz.

O cónego Luís, desperto da letargia, com uma serenidade incomum, levanta-se e dirige-se ao magistrado, quando dois guardas do tribunal já se aprestavam a dar cumprimento à

determinação:

— Vossa Excelência, Meritíssimo Juiz, se me dá licença, eu próprio me encarrego de o fazer.

Impávido, da sua figura, transparecia uma determinação estranha que se reflectia na cadência firme dos passos com que se dirigiu à infortunada criatura.

— Vá lá, Rosalina, tem calma, ainda nada é definitivo. Lembra-te do que disse o advogado: haverá sempre a possibilidade de recorrer da sentença.

— Isto é tudo uma grande mentira, cónego Luís, isto é tudo uma grande mentira...

— Eu sei, filha, eu sei...

— O que é que sabe, cónego Luís? — perguntei eu, entretanto, que os seguira de perto até às colunatas, onde nos abrigámos da chuva que, entretanto, começara a cair abundantemente.

— Contas de um outro rosário, Leopoldo, contas de um outro rosário.

— Cónego Luís...

— Deixe-me cuidar da Rosalina, que já conversamos.

*

Tudo começara há perto de um ano atrás. Aquele som intermitente, agudo e metálico, parecia vir de muito longe. Esforço-me por o alcançar, mas, por mais que estique o braço, parece que o aparelho está cada vez mais distante, rindo-se da minha incapacidade num riso estrídulo e irritante de atassalhar os nervos.

— Não atendes o telefone?

— O telefone? — refilei, estremunhado.

— Sim, homem, o telefone, está farto de tocar.

— Já lá vou. Estava a sonhar.

Raivosa, a campainha rasgava, com insistente estridência, a tranquilidade silenciosa da madrugada. Do outro lado, uma voz cava:

— Leopoldo? É Cavadas.

— A esta hora da noite?

— Tens razão — arrastou com embaraço. — Peço-te imensa desculpa. Nós que estamos de piquete até nos esquecemos de

que o nosso horário nada tem a ver com o da maioria.

— E então?

— Vais este fim-de-semana a Resende?

— Em princípio. Não sei se hoje, se amanhã. Mas porquê?

— A GNR local solicitou-nos uma investigação: dois mortos e alguns feridos. Se fosses, encontrávamo-nos lá.

— Amanhã, no café do largo da feira?

— Do largo da feira?

— Sim, na esquina, em frente ao edifício da Câmara.

Já a noite caíra quando, nessa sexta-feira, parei o carro diante das portadas da loja que, agora, utilizava também como garagem, mas o bom do Carioca é que, sempre à espera de me ver chegar, não arredava pé dos toscos degraus de madeira que davam acesso à sua não menos tosca casa. Era um provecto velho que muito se comprazia em ser o primeiro a dar conta da mais recente novidade que acometesse a aldeia ao seu amigo doutor. Mais velho que meus pais, a sua popular figura impunha-se por uma encanecida barba patriarcal que avivava o tisque de uma pele enodada de vincos, mas que mal dissimulava um semblante definhado pelas agruras de uma vida madrasta repartida por dois continentes. A sabedoria dos ditados com que, invariavelmente, argumentava ou sentenciava a propósito de tudo era um motivo de respeito junto dos demais da aldeia. Tendo acompanhado de perto a velhice de meu avô, por gratidão, não permitia que lhe faltasse o que quer que fosse, mesmo as refeições, um favor que pagava a Leonarda.

Ainda mal havia parado o carro e já a silhueta do Carioca se afirmava contra a alvura da capela. Saio para abrir as portadas da loja e reparo que explode em tremuras de ansiedade para dar conta da tragédia ao seu querido patrono. Coçando a já ruça boina basca, as calças pardas suspensas do velho cinto de seleiro seguro ao fundo da sua mirrada barriga, atirou o cumprimento vespertino por entre um asperges salivoso que a sua boca desdentada não podia evitar:

— Boa noite, senhor doutor!

— Boa noite, Carioca! Então qual é a novidade de hoje?

— Morta minha filha, morto meu genro.

— Tu e os teus ditados! O que é que me queres dizer com esse?

— A mulher e a cereja para seu mal se enfeita.

— Pior é a emenda que o soneto: agora, ainda percebo menos.

— Vossemecê, senhor doutor, desculpe lá, mas as pessoas da cidade, por vezes, parecem muito... — fazendo um esforço de memória — ignorantes, não é assim que se diz?

— Tens razão, tenho aprendido imenso desde que cá me instalei. Instalar é uma maneira de falar... Mas, afinal, estás para aí quase a rebentar! O que é que me queres dizer?

— Que dois já esticaram o pernil! Esticadinhos e enregeladinhos como o ar da serra, que a terra já não lhes poderá pesar mais fria! E mais três ou quatro no hospital! Na venda, é à boca cheia que um foi para o Porto e outro para Viseu. Tiros de caçadeira. E tudo por causa duma...

Não o deixei concluir:

— Logo, contas-me tudo, que, agora, temos de cuidar do jantar.

Na manhã seguinte, percorri toda a casa a abrir as vidraças de par em par. Atravessei a enorme cozinha de lareira, abri a porta que dá para a horta, passei os olhos pela bica que jorrava, ainda de uma forma farta, a água no tanque e lancei o olhar para o alto da serra onde tudo se teria passado, quase à vista de S. Cristóvão. Mais dia, menos dia, também lá erigiriam umas alminhas como as que se erguiam ao lado dos castanheiros, uma centena de metros acima, na borda do velho caminho de lajedo, abandonado à nostalgia desde a construção da estrada alcatroada. Sorvi uma enorme golfada daquele ar frio da serra e desviei a minha atenção para o lado do rio: um tom sanguíneo escorria encosta abaixo até mergulhar na transparência das águas, como o rumor que ora inundava a aldeia.

Antes de sair ao encontro do Cavadas, ainda perguntei à Clara se precisava de alguma coisa da vila. Que me não esquecesse das cavacas para a sobremesa. Arranquei cuidadosamente para não levantar a poeira do terreiro e voltei à direita, ao cabo de meia dúzia de casas, entrando no empedrado que desce das alminhas e entronca no alcatrão da estrada municipal cujo serpenteado se precipita do alto da serra em direcção à vila. Deixo para trás a Igreja Matriz e passo ao lado do solar de Vila

Pouca. No Paço, junto ao novo quartel dos Bombeiros, volto à esquerda e desço até ao recinto da feira, onde estaciono. Contorno o café da esquina, volto à esquerda na estrada nacional e dirijo-me à papelaria, perguntando pelo JN. Estava com sorte, porque os jornais chegam sempre mais tarde. Vêm na carreira que faz a ligação ao comboio, em Mosteirô. Mas, como o JN já trazia a notícia do crime, viera uma carrinha, de propósito, fazer a distribuição. A pilha já quase se esgotara, apesar de terem triplicado a entrega. Até parecia que adivinhavam: toda a gente queria saber se vinha alguma coisa no jornal!

Já no café, abri nas páginas do interior e lá estava tudo escarrapachado e romanceado conforme o relato dos populares. Resende estava nas páginas dos jornais! Olhei para o relógio. O Cavadas não dava sinais de si. Lembrei-me de como era um castigo para o arrancar da cama em Mafra. Devorava livros policiais pela noite dentro e, de manhã, era a Senhora das Dores:

— Outra vez na instrução sem pequeno-almoço?

— Entusiasmei-me. Estes escritores de literatura policial são danados...

— Danados?

— Sim, fartam-se de espalhar, ao longo do livro, falsos indícios para desviarem os leitores da pista certa e, no final, apresentam sempre o investigador a construir o seu raciocínio lógico, mas só facultando os dados em que assenta esse raciocínio nesse exacto momento. Ora bolas, assim também eu investigava! Que eu não vou na conversa deles!

Alto e esguio, de nariz aquilino, era um companheiro, mas o que agora dava entrada no café era bem o retrato da impiedade do tempo: calvo na frente, a secura da carne cedera o lugar a uma flacidez bonacheirona e, sob o seu nariz de estimação, afirmava-se agora um grisalho bigode que se retorcia em pontas solenes.

— Então, só agora?

— Na outra noite estive de piquete, sabes como é...

— Como se te não conhecesse! Ainda vieste de manhã ou já só de tarde?

— Ao princípio da tarde. Quando me disseram que era em

Resende, eu próprio resolvi conduzir a investigação. Passei o resto da tarde na GNR a ler os autos. Hoje, tenho de passar pelo hospital, onde ainda se encontra um dos feridos.

— Só um? Na vila, falam em mais.

— Sim, há mais dois, mas um foi para o Porto e o outro para Viseu.

— Então o Carioca tinha razão.

— O Carioca?

— Sim, uma figura engraçada que terás a oportunidade de conhecer mais logo. Já preparámos o quarto das traseiras.

— Não quero maçar ninguém, tenho quarto na pensão.

— Pois então vai à pensão e faz as malas. O quarto é o que tem a melhor panorâmica: uma janela com vista para a serra e outra com vista para o rio.

— Está lindo!

— O rio?

— Sim, o rio. Sabes que há anos que não passeava por estes lados? Passamos uma vida inteira encafuados no betão armado das cidades e quase não temos tempo para apreciar a grandeza, a eloquência e a revelação da natureza.

— Parece que o mal é da idade.

— Será... Sabes uma coisa que estranhei? A margem esquerda parece-me menos agreste do que a direita, mais colorida.

— É o efeito das cerejeiras, mas, do outro lado, também há coisas muito bonitas. Repara naquela verdura, naquele matiz! Ele é o milho e a batata, ele é a vinha e o pomar, ele é o tojal e o pinhal. Calcorreei tudo aquilo em miúdo. Ali, em frente, é S. Tomé de Covelas; mais à esquerda, fica Santa Cruz do Douro...

Interrompendo-me:

— Santa Cruz do Douro?! Não é lá uma tal casa do Eça de Queirós?

— Passaste em frente. Fica do outro lado das Caldas de Aregos: Tormes. Tormes do Douro, não de Salamanca, a do Lazarielho, onde foi parar o pobre do Grilo.

— Não sei de que estás a falar?

— De Eça, d'*A Cidade e as Serras*.

— Nunca li.

— Além, mais à direita, é Santa Marinha do Zêzere. Santa Marinha... Não posso falar de Santa Marinha que me não lembre da Regada Nova...

— Regada Nova...

— Sim, a propriedade da boa da tia Aninhas, a madrinha do meu pai. Sempre a conheci viúva... Sempre a queixar-se do reumático, mas era ela quem orientava toda a labuta das suas terras. Os caseiros, uns sobrinhos, nada faziam sem que ela regougasse o seu parecer. Parecer... O regougo era uma ordem! Mas, todos os domingos, digo-te todos os domingos, quer chovesse, quer fizesse sol, lá ia ela a pé, até Santa Marinha, à missa, que não dispensava por nada deste mundo. Nossa amiga como mais não podia ser.

Inconscientemente, caí num silêncio estranho, do qual me desperta:

— Então a história do Eça passa-se aqui?

— A história do Jacinto e do Manuel Fernandes.

— Mas, há pouco, falaste num tal Grilo...

— O criado do Jacinto, uma personagem secundária, no mínimo, curiosíssima, aliás, como toda a obra.

— *A Cidade e as Serras*... Deixas-me curioso!

— Imaginas qual é a cidade? As serras são estas, já se vê. E a cidade?

— Paris?

— Mas então não disseste que nunca leste?

— E queres tu dizer que é mesmo Paris?

— É, acertaste. Não sei é como!

— Lógica intuitiva! Mas então não era Paris a grande cidade na moda no século passado? Não era de lá que chegava toda a novidade de que falavam os escritores? Lá porque não li *A Cidade e as Serras*, não quer dizer que seja um ignorante absoluto.

— Nem eu, alguma vez, te tomei por tal, bem entendido. Paris, é verdade. A capital francesa! Já o meu avô a admirou.

— O teu avô?

— O meu avô Fião... O meu avô materno fez parte do Corpo Expedicionário Português que estive na guerra de 14-18. As histórias que ele me contava... Por três vezes, viu a morte. Estava

na linha da frente.

— Mesmo na linha da frente?

— Sim, os portugueses também participaram na batalha de La Lys.

Senti uma desfilada de imagens e, sem experimentar um grande esforço de concentração, tive, diante de mim, o cenário no mais sublime e rigoroso dos contornos: o banco corrido junto à enorme gamela onde se amassava e guardava o pão e que, de tampa fechada, servia de mesa às horas das refeições; o bico de luz que se escapulia, através de um finíssimo orifício, do tubo adelgado e curvilíneo do gasómetro suspenso da parede, num resplendor azuláceo tão vivo e intenso, que acentuava ainda mais o brilho azul dos olhos do meu avô. A minha avó arrumava a cozinha, que não era pessoa de desalinho e sentia brio em poder receber com toda a dignidade. Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje, repetia a cada instante. Ali estava o avô, sentado no mesmo banco, o cotovelo esquerdo apoiado na beira da mesa e a face reclinada sobre a palma da sua mão. E era um desfiar o rosário: histórias umas após outras.

Estava na linha da frente, onde tudo se decidia, onde a incúria de uma simples desatenção poderia ser o motivo de imprecações investidas contra um destino macabro e impiedoso. Pois contava que, numa noite sem estrelas, com uma ventania a ameaçar invernia, estando de sentinela, se lembrou de fumar um cigarro. Obedecendo às normas de segurança, riscou, por diversas vezes, o isqueiro de pederneira de costas voltadas para as linhas inimigas, mas as investidas do vento não eram solidárias. Chegara mesmo a agachar-se e a debruçar-se para reduzir a área de exposição, mas o sopro invernosso levava-o aos limites do desespero. Resolveu ser mais teimoso do que o vento e, numa atitude de desprezo, voltou-lhe as costas para proteger o lume. Pois bem, de uma só puxada, acendeu o cigarro. Acendeu o cigarro, mas, antes que tivesse tempo de o introduzir no cano da espingarda, o bom do Fião já era alvo de um zumbido a roçar-lhe as orelhas disparado do outro lado. “Raios partam o vício! Sujeitar-se um homem a morrer por causa dum reles cigarro! Se o danado do alemão está com a pontaria afinada...”

— E isso aconteceu mesmo?

— Assim mo contou. Ainda na frente, encostado a uma chapa de zinco com um outro companheiro, aguardava que tocasse para o rancho. Assim que o corneteiro deu o sinal, levantaram-se ambos e, ainda não tinham dado meia dúzia de passos, já uma granada deixava o zinco como um crivo.

— Nem dá para acreditar...

— Lembro-me muito bem, apesar de, na altura, ainda ser pequerrucho. O meu maior deslumbramento era ter ali, diante de mim, o meu herói. Podia tocar-lhe. E como ele me adorava! Havia, entre ambos, uma cumplicidade nunca denunciada, mas sempre muito sentida... Quando me fixava no brilho daqueles olhos, lia-lhes a expressão: “Escapei à segunda!”

— Isso é que deve ter sido uma guerra...

— Bastante diferente da nossa, em África. Mas, como diz o ditado, não há duas sem três. Ele sabia que eu lhe dedicava particular atenção, que o ouvia embevecido, e quis que a terceira das suas histórias também pudesse ser um bom exemplo de uma atitude de fé. Contou então que aquilo que a mãe mais lhe pedira, ao partir, era que nunca largasse a medalha da Nossa Senhora Milagrosa. E ele assim fez. Ao tempo, não sabia se o fazia por respeito à mãe, se por devoção a Nossa Senhora, mas nunca a tirou nem para tomar banho. E dizia, com um certo sorrisinho malandro naquele seu olhinho azul, que a boa da Senhora assistira a todos os seus pecados e que nunca dera sinais de corar diante daquilo que vira.

— Assim mesmo?

— Tal e qual. Então, como não havia duas sem três, um grupo em que também se encontravam outros rapazes de Resende é apanhado por uma rajada quando se deslocava de uma trincheira para outra e o único que escapa é ele. Lembrava-se de ter sentido qualquer coisa como um violento soco no peito e deitou as mãos à Nossa Senhora Milagrosa. No momento em que mo contava, puxou pelo fio de ouro que trazia ao pescoço e mostrou-me a medalha baleada da Senhora da sua devoção.

— Há coincidências que não têm explicação.

— É como dizes.

— Histórias ao serão...

— Histórias ao serão... Naquela altura, ainda não havia televisão...

— É tudo isto a propósito de Paris...

— É verdade, a propósito de Paris. Paris, a cidade... E a serra... esta que os teus olhos vêem. E sabes qual é que ficou a ganhar?

— Pelo teu espanto, só pode ter sido a serra!

— Nem mais. Esta linda serra que se espraia diante de nós. Fica prometido: quando entenderes que tens alguma disponibilidade, damos uma saltada a Tormes. Acho que vais adorar.

— Sim, um dia destes. Já viste as horas?!

— Tu é que te atrasaste.

— Não me posso descuidar.

— O almoço já deve estar à nossa espera.

— Qual almoço?

— Estamos a contar contigo.

— Nem penses. Desculpa lá ser desmancha-prazeres, mas não é possível. Agradeço na mesma, acredita. É que tenho o agente à minha espera e, de tarde, como te disse, ainda preciso de passar pelo hospital. Aliás, se ainda me restar tempo, sou capaz de dar um pulinho lá ao alto, onde tudo se passou. Aceito o jantar, se não for inconveniente.

— Também era o que havia de faltar. Esperamos então por ti. E, quanto ao quarto, estamos conversados.

— Vamos então andando.

— Não posso é esquecer-me das cavacas! Ainda tenho de ir ali ao jardim.

— Então até logo.

— Bom trabalho!